



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**O FOGO COMO SÍMBOLO DE CONFORTO, DESTRUIÇÃO E  
REGENERAÇÃO EM *JANE EYRE***

SUELLEN CARLA ROCHA DA SILVA WANDERLEY

Guarabira/PB  
2019

SUELLEN CARLA ROCHA DA SILVA WANDERLEY

**O FOGO COMO SÍMBOLO DE CONFORTO, DESTRUIÇÃO E REGENERAÇÃO EM *JANE EYRE***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras / Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras / Inglês.

**Orientador:** Prof. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientador).

**GUARABIRA-PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

W245f Wanderley, Suellen Carla Rocha da Silva.  
O Fogo como símbolo de conforto, destruição e regeneração em Jane Eyre [manuscrito] / Suellen Carla Rocha da Silva Wanderley. - 2019.  
19 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, Departamento de Letras - CH."  
1. Semiótica. 2. Símbolos. 3. Fogo. I. Título  
21. ed. CDD 401.41

SUELLEN CARLA ROCHA DA SILVA WANDERLEY

O FOGO COMO SÍMBOLO DE CONFORTO, DESTRUIÇÃO E REGENERAÇÃO EM  
JANE EYRE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado à Coordenação do Curso  
Letras / Inglês da Universidade Estadual  
da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em Letras  
/ Inglês.

Aprovada em: 11/11/2019.

BANCA EXAMINADORA



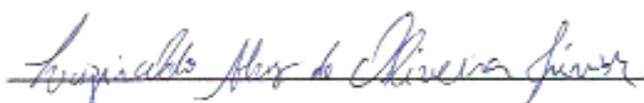
Prof. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Luzinaldo Alves de Oliveira Júnior

Claretiano – Centro Universitário

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus Eterno que me deu tudo, que pré-determinou a minha existência, que desde antes de eu nascer já conhecia todos os meus dias, o qual eu creio e pelo qual me movo.

À minha mãe, que suportou minhas mudanças de humor enquanto escrevia este trabalho.

Ao meu pai, que sempre me apoiou em todos os meus sonhos e projetos.

Ao meu irmão Luiz, que me ajudou em alguns momentos no meu curso.

Às minhas amigas Luciane Cristina e Ana Isabel, que me deram força durante a trajetória do curso e me presentearam com sua lealdade, além de me bancarem financeiramente em momentos em que eu não podia.

Ao meu primo Lucas, que nunca deixou de me suportar e apoiar.

Aos meus líderes espirituais Pr. Gilvan Camilo, Miss. Simone Camilo, Pr. Edimilson e Miss. Suzana dos Santos por todo apoio, acolhimento e confiança depositados em mim, por entenderem minhas fases e me ajudarem a dar um tempo nas atividades, e por serem mais do que líderes, me presenteando com suas amizades.

Ao professor Auricélio, que foi uma peça fundamental para a elaboração deste projeto, me dando a força e a motivação para não desistir no momento mais difícil do curso.

A todos os professores da UEPB, que foram exemplos para mim na profissão.

Aos professores Luzinaldo Júnior e Willian Sampaio, que com muito carinho aceitaram participar da banca examinadora.

E especialmente à professora Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, minha orientadora, por todo esforço, paciência e atenção. Por não me tratar apenas como aluna, mas também como ser humano.

A todos o meu muito obrigada.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 CHARLOTE BRONTË: BREVES CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>10</b>
<b>3 OS SÍMBOLOS E SEU USO LITERÁRIO.....</b>	<b>12</b>
<b>4 ANÁLISE TEXTUAL.....</b>	<b>13</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

# O FOGO COMO SÍMBOLO DE CONFORTO, DESTRUIÇÃO E REGENERAÇÃO EM *JANE EYRE*

Suellen Carla Rocha da Silva Wanderley<sup>1</sup>

## RESUMO

A literatura se constitui como um campo com inúmeras possibilidades de análise de símbolos e o que estes representam ao leitor, de acordo com o contexto em que estão inseridos nos textos literários. Este trabalho traz uma análise dos diferentes significados do Fogo, enquanto símbolo e como eles contribuem para o enriquecimento da leitura no romance *Jane Eyre* de Charlotte Brontë. Para tanto, no que concerne à interpretação da simbologia do fogo no contexto da sociedade ocidental à qual pertencemos, trazemos como contribuições complementares as definições de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009) e Helmut Hofmann (2003), com o objetivo de rever a importância de se compreender o significado dos símbolos e como eles podem ajudar a entender melhor uma cena no âmbito literário. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa para promover as análises, tomamos por base as contribuições teóricas da semiótica e a aplicamos no âmbito literário, com contribuições dos estudos de Charles Sanders Peirce (2000), Ezra Pound (1989) e Décio Pignatari (2004). Por meio destas contribuições teóricas, objetivamos examinar a presença do símbolo com seus diferentes significados em determinadas cenas presentes no enredo. No tocante às considerações com relação ao contexto histórico da época na qual o romance fora escrito, recorreremos aos estudos de Cevasco e Siqueira (1985) e Adams (2012). Ao final deste trabalho, pode-se ler o romance em uso com outra perspectiva, de forma que há uma facilidade maior de se entender as cenas descritas.

**Palavras-chaves:** Semiótica. Símbolos. Fogo.

## ABSTRACT

Literature constitutes in a field with uncountable possibilities of analysis of symbols and what they represent to the reader according to the context in which they are entered in the literary texts. This research brings an analysis from the different meanings of the symbol of the Fire and how they contribute to the enrichment of literature in the romance *Jane Eyre* by Charlotte Brontë. For this purpose, as regards the interpretation of the symbology of the fire in the context of the occidental society that we belong, we bring as complementary contributions Jean Chevalier and Alain Gheerbrant (2009) definitions, with the objective of reviewing the importance of comprehending the

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Graduação em Letras, habilitação em Língua Inglesa, pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III.

E-mail: suellenrocha.w@gmail.com

meaning of the symbols and how they can help to better understand a scene in the literary scope. Throughout a bibliographic, documental and qualitative research, to promote the analysis, we took as basis the semiotics theorist contributions of Charles Sanders Peirce (2000), Ezra Pound (1989) and Décio Pignatari (2004) to compare the presence of the symbol with its different meanings in certain scenes present in the plot. Relating to the considerations related to the historical context of the period in which the romance were written we appealed to Cevasco and Siqueira (1985) and Adams' (2012) studies. By the end of this research, we can read the romance by another perspective, so that there is a bigger facility of understanding the described scenes.

**Keywords:** Semiotics. Symbols. Fire.

## 1 INTRODUÇÃO

A Era Vitoriana é o nome dado ao período da Inglaterra que se estendeu de 1837 a 1901 e tem esse nome por ser referente à rainha que governou durante esse tempo: Rainha Vitória. É um período caracterizado e marcado pelo puritanismo e intolerância vividos intensamente nessa época. Este fato é destacado por Cevalco e Siqueira (1998, p. 53, grifos dos autores) da seguinte forma:

Que ideia você faz da época vitoriana? Muitos de nós associamos o termo a uma época de moralismo rígido, em que o sexo era tabu e o convencionalismo estava na moda. O próprio mestre Aurélio registra, em seu dicionário, esse sentido - "*Vitoriano*: adj. 1. Pertencente ou relativo à Rainha Vitória, da Inglaterra, ou ao período de seu reinado (1837-1901). 2. *Que demonstra respeitabilidade, o puritanismo, a intolerância, etc., atribuídos geralmente à classe média da Inglaterra vitoriana*".

Observa-se que o rigor religioso e moralizante compõe o cenário da época e caracteriza-se como uma marca do período e, especialmente, do governo da Rainha Vitória que se perpetuará até o presente. Além disso, a Era Vitoriana traz consigo outras singularidades que colocarão o Reino Unido como principal potência capitalista, visto que:

No século XVIII, a principal cidade da civilização ocidental fora Paris; na segunda metade do século XIX, esse centro de influência havia mudado para Londres, uma cidade que se expandiu de cerca de dois milhões de habitantes quando Victoria subiu ao trono para seis milhões e meio na época de sua morte. O rápido crescimento de Londres é uma das muitas indicações do desenvolvimento mais importante da época: a mudança de um modo de vida baseado na propriedade da terra para uma economia urbana moderna baseada no comércio e na manufatura (ADAMS, 2005, p. 979, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Esse contexto histórico reverberará na produção literária do período em que se observará a representação dos malefícios causados pelo capital e o imperialismo, além da nova organização da sociedade nas obras de escritores tais como Dickens, Thackeray, Conrad, Orwell, as irmãs Brontë entre outros seja como crítica social ou como representação mimética das relações dos sujeitos sociais sem a finalidade de realizar denúncias.

Na literatura, o gênero que marcou a Era Vitoriana foi o romance. Não se sabe ao certo o porquê de o romance ter-se sobressaído com relação a outros gêneros tão

---

<sup>2</sup> "In the eighteenth century the pivotal city of Western civilization had been Paris; by the second half of the nineteenth century this center of influence had shifted to London, a city that expanded from about two million inhabitants when Victoria came to the throne to six and a half million at the time of her death. The rapid growth of London is one of the many indications of the most important development of the age: the shift from a way of life based on the ownership of land to a modern urban economy based on trade and manufacturing".

conceituados até então na literatura, como, por exemplo, o poema. Pressupõe-se que isso se deva ao fato de que o romance é o épico da burguesia, e a era vitoriana é marcada pela burguesia naturalmente. E é, de fato, surpreendente que mesmo em meio a toda a restrição vinda do moralismo, o romance tenha adquirido potencial espaço em meio aos sucessos literários, superando até a literatura de cunho religioso.

Ao longo deste trabalho, buscaremos compreender, a partir da análise dos símbolos, alguns pontos específicos de um romance que teve bastante importância na época. Escrito por uma mulher, o romance *Jane Eyre* quebrou tabus ao apresentar ao leitor uma personagem feminina de uma força incomum ao que se costumava observar na vida real durante o período vitoriano. A personagem principal deste é usada pela autora para denunciar a injustiça da sociedade com relação às mulheres naquela época, onde uma mulher instruída, por exemplo, somente poderia exercer um papel de governanta, mesmo tendo um potencial à altura de desempenhar outras funções.

Chamar *Jane Eyre* de um romance baseado em uma história de amor, seria dizer menos do que ele realmente é. Apesar de ser, sim, um romance com tal história contida no enredo, a obra vai além, pois traz uma ideia mais aberta do papel e do potencial que a mulher é capaz de exercer, mesmo em meio ao poder do patriarcado na sociedade da época.

Neste trabalho foi utilizada uma metodologia de pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa, onde partimos dos significados culturais do símbolo do fogo, apresentados por Jean Chevalier (2009), Alain Gheerbrant (2009) e Helmut Hofmann (2003). De forma complementar aos estudos semióticos analisaremos algumas cenas do romance, fazendo uma releitura do mesmo de forma a entendermos a correlação entre o espaço da história e o símbolo em si, e quais mudanças esta percepção traz ao leitor com relação à compreensão do enredo.

A partir disto, o trabalho se subdivide em breves considerações relacionadas à vida da autora do romance, Charlotte Brontë, partindo para a conceituação de símbolo e seu uso literário, chegando, por fim, à análise, neste momento colocaremos em prática os conceitos tomados previamente e comparamos com algumas cenas do romance.

## **2 CHARLOTE BRONTË: BREVES CONSIDERAÇÕES**

Charlotte Brontë foi uma escritora inglesa nascida em Thorntown, no condado de Yorkshire, e ficou conhecida por ter escrito o romance *Jane Eyre* (1847). Com a morte da mãe, em 1821, e das duas irmãs mais velhas, em 1825, Charlotte, as irmãs Emily e Anne e o irmão Branwell foram morar com uma tia, irmã de sua mãe. As irmãs foram educadas em casa e, por meio da escrita, elas desenvolviam e exploravam mundos fantásticos. Escreviam diários, poemas, peças e histórias e os reuniam num jornal mensal.

De 1835 a 1838 Charlotte trabalhou como preceptora e depois como governanta. Em 1845 as três irmãs publicaram – sob os pseudônimos masculinos de Currer, Ellis e Acton Bell – uma compilação de seus poemas. Entusiasmadas começaram a escrever romances. Charlotte escreveu *The Professor*<sup>3</sup> (1846), que fora rejeitado. Em 1847, entretanto, *Jane Eyre* foi publicado e obteve sucesso imediato.

O livro traz um complexo enredo sobre a vida de uma jovem órfã, narrada pela própria personagem. O romance abrange diversas temáticas, tais como o gótico, a religião, o feminismo, entre outras simbologias.

Na história, Jane é uma garota que perdeu os pais e foi criada pela esposa de seu tio. Ainda criança, por problemas em sua convivência com sua tia e primos, a menina é transferida para uma escola, onde passa oito longos anos com muita dificuldade, sofrimentos físicos e psicológicos. Ao completar 18 anos, Jane é contratada como preceptora de Adèle, uma menina francesa e vai morar em Thornfield. Lá, ela apaixona-se por seu patrão, o irônico e de características não tão gentis, Sr. Rochester. Os dois vivem uma história de amor. Conforme aponta Sanders:

Jane Eyre foi, e continua sendo, um fenômeno extraordinário: uma obra de ficção realista totalmente segura, provocadora e convincente. Para seus primeiros leitores, e até seus editores, parecia ter surgido do nada, sendo atribuído à figura sem gênero de 'Currer Bell', o suposto 'editor' de uma narrativa obviamente feminina<sup>4</sup>. (SANDERS, 1994, p.420, tradução nossa)

A continuidade do fenômeno que é *Jane Eyre* pode ser observada atualmente em outras artes, visto que a obra possui inúmeras adaptações no cinema, com, pelo menos, 15 filmes produzidos que trazem a história do romance. Além de diversas

<sup>3</sup> “O professor foi rejeitado seis vezes pelos editores antes de atrair a crítica favorável do consultor literário para a firma de Smith, Elder, em julho de 1847’ (*The Professor was rejected six times by publishers before it attracted the favourable notice of the literary adviser to the firm of Smith, Elder in July 1847*) (SANDERS, 1994, P. 420)”.

<sup>4</sup> “Jane Eyre was, and remains, an extraordinary phenomenon: a totally assured, provocative, and compelling piece of realist fiction. To its first readers, and even its publishers, it seemed to have come from nowhere, being ascribed to the genderless figure of ‘Currer Bell’, the supposed ‘editor’ of an obviously female narrative”.

adaptações que contam com o mesmo tema ou com temas paralelos, que é o caso da obra *Vasto mar de Sargaços* (1966), de Jean Rhys, que dá voz a uma das personagens presentes em *Jane Eyre*: a esposa de Rochester, Bertha Mason, conhecida como “a louca do sótão”.

Partindo para o contexto do que será analisado neste artigo, o livro possui um símbolo presente em diversos momentos importantes na narrativa: o fogo, que traz algumas vertentes de diferentes significados que contribuem para o enriquecimento da leitura. E é este símbolo e suas aplicações que iremos analisar dentro do romance.

### **3 OS SÍMBOLOS E SEU USO LITERÁRIO**

A semiótica peirceana, ou Teoria Geral dos Signos, é a ciência que analisa as formas possíveis do processo de representação definido pela relação entre signo, objeto e interpretante. É o estudo de fenômenos ligados à produção de sentido. Não se resumindo apenas à interpretação de signos verbais, uma vez que através da mesma, qualquer coisa pode ser interpretada (ser, conceito, ação, processo, gesto, sensação, imagem, palavra, pensamento, etc.), podendo exercer a função de signo.

A caracterização da nossa relação com o mundo e seus processos de significação são descritos pela semiótica. Décio Pignatari (2004, p. 20) afirma que “a semiótica serve para estabelecer ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem”.

A semiótica peirceana se diferencia de outras teorias semióticas por apresentar, entre outras características, a presença do objeto em uma relação triádica com o representâmen e o interpretante. Sendo assim, o objeto – seja ele real ou abstrato – é o elemento que será representado pelo signo (representâmen) e a interpretação gerada a partir dessa relação construirá um novo signo que se denomina interpretante.

O símbolo é um dos signos mais usado na Literatura quando se fala em expressar a relação que determinados objetos possuem de acordo com o contexto social, cultural e histórico ao qual pertencem, visto que o símbolo “[...] se constitui em signo simplesmente ou principalmente pelo fato de ser usado e compreendido como tal, quer seja hábito natural ou convencional, e sem se levar em consideração os motivos que originalmente orientaram sua seleção” (PEIRCE, 2003, p. 76).

Trata-se de um signo no qual uma coisa, ideia, ação ou sentimento é referenciado por uma palavra ou expressão para trazer um significado conotativo do

que está sendo exposto através de uma afirmação, pois algo a mais está sendo dito através das palavras ou símbolos usados em uma obra.

Em prosas de ficção, tais como romances, contos ou novelas, ou em poemas, o símbolo está presente de forma indireta e, em geral, é identificado ao final de sua leitura, após fazer o apanhado do contexto total da narrativa ao se observar o que a interpretação de determinada expressão ou elemento suscita no texto.

Charles Sander Peirce indica que todo signo é passível de leitura. No âmbito literário, nenhum signo é empregado por um acaso. Para se obter uma leitura mais rica em entendimento, cabe ao leitor fazer esta reflexão ao ler determinada passagem e analisar o porquê de certas aplicações no decorrer da narrativa. Partindo deste pressuposto, façamos agora uma breve conceituação sobre símbolos.

Partindo da etimologia da palavra “símbolo”, do grego: *symbolon*, sinal; do latim *symbolum*, que significa lançar conjuntamente, comparar, juntar, fazer coincidir.

O símbolo é a combinação entre significante e significado, onde utiliza-se de determinado objeto para trazer uma carga de significados através da relação do que o signo engendra dentro de um contexto seja ele específico de uma sociedade, época, obra ou universal, uma vez que é “[...] uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto.” (PEIRCE, 2003, p. 52).

O símbolo tem um extenso histórico de estudos, e abordamos apenas uma pequena esfera desses estudos. Nesse contexto de geração de signos, Peirce (2003) contribui com um conceito de semiose ilimitada, que é a possibilidade que temos de ler ou interpretar um signo de diferentes formas de maneira que essa interpretação não se esgota, pois uma levará a outra e assim continuamente *ad infinitum*.

Em suma, muitas vezes precisa-se identificar o contexto social e histórico da narração, e a singularidade narrada de cada cena, cenário ou personagem em questão para promover a interpretação de um símbolo, neste caso o fogo, usado por Charlotte Brontë em *Jane Eyre*, e o que ele evoca na narrativa.

#### **4 ANÁLISE TEXTUAL**

São inúmeras as simbologias presentes em *Jane Eyre*. De acordo com Fidalgo, pode-se compreender que a presença dos símbolos e a sua interpretação não ocorrem aleatoriamente, pois são intencionais, uma vez que o seu significado é convencionalizado.

Símbolos são signos em que, não havendo uma relação de semelhança ou de contiguidade, há uma relação convencional entre representante e representado. Os emblemas, as insígnias, os estigmas são símbolos. A relação simbólica é intencional, isto é, o simbolizado é uma classe de objetos definida por propriedades idênticas (FIDALGO; GRADIM, 2005, p. 21).

Também faz-se necessário observar o espaço dentro da obra e como este se relaciona também juntamente com todos os objetos presentes na cena de forma a trazer significado à leitura.

Quando falamos de espaço, referimo-nos tanto aos objetos e suas relações como ao recipiente, isto é, à localização desses mesmos objetos. Além disso, nunca podemos esquecer o observador a partir do qual aquelas relações são construídas na literatura. Assim, ao analisarmos um espaço qualquer, por exemplo, casa, navio, escola, etc., não podemos nos esquecer dos objetos que compõem e constituem esse espaço e de suas relações entre si e com as personagens e/ou narrador. Contínente, conteúdo e observador são partes integrantes de uma topoanálise, pois é a junção desses três elementos que forma o que se entende por espaço. Ao analisarmos o quarto, devemos ter mente que os objetos nele presentes, mesmo os mais ínfimos, devem ser objetos de reflexões (BORGES FILHO, 2007, p.17).

Sendo assim, ao interpretar a relação que o símbolo estabelece com os demais elementos dentro da narrativa e o contexto cultural ao qual pertence, obtém-se um efeito no texto que potencializa o significado da obra. Isto se aplica na Literatura pelo mesmo princípio aplicado por Pound de que “Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível.” (POUND, 1989, p. 40). Para Hofmann, os símbolos também possuem significados místicos<sup>5</sup> e podem representar conteúdos com tais características da consciência.

Na medida em que, primeiro captamos a aparência exterior e a mensagem evidente de um símbolo, e depois nos aprofundamos nele cada vez mais, podemos descobrir seu sentido místico. Além disso, reconhecemos nossa posição diante do símbolo e que sentimentos e pensamentos ele desperta em nós. (HOFMANN, 2003, p. 12)

Tomemos para análise, o fogo, sendo este um símbolo muito presente durante todo o enredo. Observaremos como ele possui propriedades e simbologias diferentes ao longo do romance. Este fato ocorre, pois o elemento que caracteriza/diferencia esse signo de um ícone ou índice é a presença do interpretante, pois “[...] Um símbolo é um signo que perderia o caráter que o torna um signo se não houvesse um interpretante” (PEIRCE, 2003, p. 74).

O fogo faz seu papel no romance trazendo características e significados distintos. Ele possui vários significados simbólicos na narrativa, mas iremos

---

<sup>5</sup> Que não se dá segundo as leis naturais ou físicas; sobrenatural, espiritual.

acompanhar apenas três deles, representando conforto, destruição e regeneração/purificação. Vejamos o significado que este símbolo representa:

O fogo é uma força dinâmica, masculina, vivificadora, purificadora, brilhante, que transmite luz, calor e iluminação. Mas o fogo também pode destruir, ferir e matar. (HOFMANN, 2003, p. 187)

Utilizemo-nos deste conceito para analisarmos os três diferentes momentos em que o fogo aparece e distingue-se na narrativa.

Conforto e vivacidade, quando representados pelo fogo, caminham juntos pelo enredo. Pode-se observar que os únicos momentos em que Jane experimentara com veemência o vigor e o conforto, foram ao lado do Sr. Rochester (daí a representatividade do fogo como masculino, dinâmico e vivificador semelhantes ao que é transmitido pelo personagem em questão) e é exatamente nestes momentos, onde o fogo está presente, tanto em metáforas como representando segurança, calor e sensações de conforto.

Retomemos para o passado de Jane, onde não havia paixão, nem ao menos bons sentimentos. Ao ser trancada no quarto vermelho, a personagem descreve o ambiente como sendo um lugar muito frio, devido à ausência do fogo: “o quarto era gelado, porque ali raramente se acendia a lareira” (BRONTË, 2016, p. 23). Aqui, pode-se comparar a ausência de fogo no quarto, tornando-o frio, como também, a ausência do conforto e da vivacidade simbolizados pelo fogo durante a narrativa – tanto na vida da personagem, quanto no momento em questão.

Seguindo mais adiante na trama, quando Jane - ainda criança - está em Lowood, sua vida é marcada por sofrimento e privações por um bom tempo, como ela mesma afirma: “O medo de falhar nessas duas questões me incomodava mais do que o sofrimento físico, embora este não fosse pequeno.” (BRONTË, 2016, p. 76). Mais uma vez, destaca-se a ausência da vivacidade, do dinamismo e dos bons sentimentos de segurança trazidos com o fogo. Em vários momentos Jane descreve o orfanato como frio e em todos os momentos com muito pouco ou nada que remetesse ao fogo. Vejamos nestas citações:

- (1) O dia mal começara e havia uma ou duas lamparinas acesas no dormitório. Eu também me ergui relutante. Estava um frio horrível e, tremendo, consegui me vestir. (BRONTË, 2016, p. 59)
- (2) [...] um gélido vento nordeste soprara pelas frestas das janelas do dormitório a noite toda, fazendo-nos tiritar na cama e transformando a água em gelo. (BRONTË, 2016, p. 68)
- (3) Quando a caminhada vespertina era encerrada, voltávamos pela estrada gelada e íngreme, onde o vento norte cortante soprava por sobre os cumes dos morros, parecendo chicotear-nos os rostos. [...] Ah, como

ansiávamos pelo calor e pela luz de uma lareira nessas caminhadas de volta! Mas, ao menos para as meninas menores, nem isso era concedido. Assim que chegávamos, todas as lareiras da escola eram logo rodeadas por duas fileiras de meninas maiores, e às pequenas só restava se juntarem uma às outras atrás delas, enrolando os braços magros nos próprios aventais. (BRONTË, 2016, p. 77)

Ao longo do enredo, o frio e a ausência de calor são sinônimos de sofrimento e maus momentos. Na cena onde Jane entra nos aposentos da Srta. Temple, ela descreve: “Lá havia uma boa lareira e o lugar parecia alegre.” (BRONTË, 2016, p. 88) Outro momento é descrito pela própria Jane, mais à frente na narrativa, quando suas primas chegam de viagem:

Estavam enrijecidas pela longa e desconfortável viagem desde Whitcross e geladas por causa do ar frio da noite. Mas a expressão de felicidade delas cresceu assim que se colocaram diante do fogo. (BRONTË, 2016, p. 458)

Voltando para o período de tempo onde a pequena Jane passou em Lowood, uma garota, que tem por nome Helen Burns, torna-se sua melhor amiga. Seu sobrenome *Burns* traduzido para o português significa “queimar, queima”, ou seja, temos aqui mais uma alusão ao fogo e seu significado não difere das outras passagens citadas. Helen Burns se torna amiga de Jane e a faz ter momentos de aconchego mesmo em meio às privações de Lowood. Jane descreve um momento aconchegante entre as duas amigas: “Recostando a cabeça no ombro de Helen, coloquei meu braço em torno de sua cintura. Ela se aconchegou a mim e ficamos quietinhas.” (BRONTË, 2016, p. 88)

Prosseguindo pelo enredo, tomemos por base, agora os momentos de Jane e do Sr. Rochester em Thornfield, quando ela já uma jovem formada, passa a morar na mansão e começa a relacionar-se com seu patrão. Como já citado, a presença do Sr. Rochester na vida de Jane traz paixão, segurança, conforto e dinamismo e, mais uma vez, vemos o fogo presente nas cenas. “Estávamos como já disse, na sala de jantar: o lustre que fora aceso para a refeição enchia o salão com uma profusão de luzes; a grande lareira cintilava, vermelha;” (BRONTË, 2016, p. 157)

Jane expressa, indiretamente, uma sensação de conforto e segurança, quando ela mesma descreve que a aparência do Sr. Rochester está mais relaxada naquele momento: “O Sr. Rochester, sentado em sua poltrona damasco vermelho, estava diferente da figura que eu vira antes. Já não parecia tão severo – e muito menos sombrio.” (BRONTË, 2016, p. 157)

Na cena em que o Sr. Rochester agradece Jane por ter-lhe salvado a vida, ela descreve seu olhar: “Havia uma estranha energia em sua voz, e um curioso fogo em

seu olhar.” (BRONTË, 2016, p. 180). Levando em consideração que a cena em questão está carregada de emoção e bons sentimentos, este “fogo em seu olhar” nos remete ao sentimento de paixão.

O Sr. Rochester é descrito pela própria Jane como sendo o maior representante do símbolo do fogo, o qual temos analisado até o presente momento. Ela define a ação de Rochester como sendo “força e conforto contra qualquer mal.” (BRONTË, 2016, p. 299). O Sr. Rochester é o maior representante, pois ele é a figura masculina na vida da personagem, é quem lhe “dá vida”/faz sentir viva por meio do sentimento que nutre.

Logo mais à frente, Sr. Rochester afirma, ainda, que apareceu na vida de Jane para dá-la cuidado e calor: “- Tudo vai se harmonizar, tem de se harmonizar. Afinal, eu não a encontrei perdida, com frio e sem aconchego? E não me comprometo a cuidar dela, a lhe dar carinho e calor?” (BRONTË, 2016, p. 298)

Em contraste a personalidade e ao relacionamento de Rochester e Jane, temos a personalidade e o relacionamento da mesma com St. John Rivers, que é descrito por ela como um homem frio e que, apesar de amá-lo como família, não sentia emoções de vivacidade em sua pessoa.

St. John inclinou a cabeça. Seu rosto grego se pôs na altura do meu, seus olhos me observaram com agudeza – e ele me beijou. Não existem beijos de pedra ou beijos de gelo, mas se existissem eu diria que o beijo de meu primo era dessa natureza. [...] Talvez tenha ficado um pouco pálida, pois tinha a impressão de que aquele beijo selava minha prisão. (BRONTË, 2016, p. 464)

Novamente, as propriedades do fogo, quando ausentes, demonstram uma parcela de sentimentos desagradáveis e desconfortáveis.

O fogo é um elemento que também pode ser representado na forma de um raio: “Mas o fogo também pode destruir, ferir e matar. Como raio ou lava vulcânica, vermelho, incandescente, pode provir tanto do céu como da terra.” (HOFMANN, 2003, p. 187); significação que pode ser completada com a definição do *Dicionário dos Símbolos* que também embasa essa ideia:

A maior parte dos aspectos do simbolismo do fogo está resumida na doutrina hindu, que lhe confere fundamental importância. Agni, Indra e Surya são os fogos dos mundos: terrestre, intermediário e celeste, i.e., o fogo comum, o raio e o Sol. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2009, p. 440)

Temos, agora, o fogo como símbolo de destruição. Partindo deste pressuposto, tomemos como exemplo a cena em que um raio (ou o Fogo em forma de raio) cai

sobre o grande castanheiro no jardim, logo após o Sr. Rochester pedir Jane em casamento.

[...] mas nesse instante uma faísca forte e brilhante surgiu da nuvem para a qual eu olhava, e houve um estrondo, seguido de um ruído repicado, bem próximo. Só pensei em esconder os olhos no ombro do Sr. Rochester. (BRONTË, 2016, p. 298)

Na cena seguinte, a menina Adèle nos confirma que o raio atingira o castanheiro: “a pequena Adèle veio correndo a meu quarto me contar que o grande castanheiro no fundo do pomar fora atingido por um raio durante a noite e se partira em dois.” (BRONTË, 2016, p. 299)

Mais adiante, pode-se comprovar o tamanho da destruição causada pelo raio, quando Jane vai ao jardim e observa a árvore:

[...] olhei para os restos do grande castanheiro: lá estava o tronco, negro e retorcido, partido em dois, num arquejar medonho. As duas partes não tinham sido separadas uma da outra, pois estavam presas à base firme, às fortes raízes. Mas toda a vitalidade fora destruída. (BRONTË, 2016, p. 322)

A destruição causada pelo raio faz menção simbólica, sendo indício de um presságio de que o casamento de Jane e Rochester também haveria de ser destruído, e eles seriam separados assim como o castanheiro dividiu-se em dois.

Uma das cenas finais do livro aborda o incêndio que ocorreu em Thornfield é narrado. Neste acontecimento, o fogo gera a completa destruição da mansão:

Thornfield Hall hoje está em ruínas. A mansão foi completamente destruída num incêndio, na época da colheita. Foi uma calamidade horrível! Não se salvou praticamente nada do mobiliário. O fogo irrompeu no meio da noite e, antes que chegasse ajuda de Millcote, a mansão inteira era uma só massa de chamas. Foi um espetáculo pavoroso. (BRONTË, 2016, p. 496)

Na interpretação analítica de Paul Diel, o fogo tanto pode ser destruidor, como também pode representar regeneração. Este último significado será nosso foco, pois:

Nessa perspectiva, o fogo, na qualidade de elemento que queima e consome, é também símbolo de purificação e de regenerescência. Reencontra-se, pois, o aspecto positivo da destruição: nova inversão do símbolo. (CHEVALIER e GHEERBRANT apud DIES, 2009, p. 443)

Desta forma, a regeneração também está presente na destruição ígnea de Thornfield, pois é a partir deste incêndio que Rochester começa sua redenção e a história entre ele e Jane ressurgem, desta vez, de forma pura. Rochester descreve para Jane como ele acredita ter sido trabalhado por Deus depois da tragédia causada pelas chamas destruidoras. É o início de sua purificação e de sua nova vida:

Jane! Você pensa que sou um miserável sem religião, mas meu coração agora se enche de gratidão ao Deus desta terra. [...] Em minha teimosia rebelde, quase amaldiçoei a Providência Divina. Em vez de me curvar ante Seus desígnios, desafiei-Os. E a Justiça se fez sentir: a desgraça caiu sobre mim. [...] fui golpeado em algo que me tornou humilde para sempre. [...] Ultimamente, Jane, apenas nos últimos tempos, comecei a reconhecer a mão de Deus em meu destino. Comecei a sentir remorso, arrependimento, um desejo de me reconciliar com o Criador. Às vezes começo a rezar. São preces muito breves, mas também muito sinceras. (BRONTË, 2016, p. 520)

Rochester confirma: “Humildemente peço a meu Redentor que me dê forças para, daqui para a frente, levar uma vida mais pura do que tenho feito”. (BRONTË, 2016, p. 522). Observa-se assim que o fogo traz para a narrativa um caráter ambivalente que só pode ser compreendido ao se considerar o contexto ao qual pertence e a relação que estabelece com os outros elementos que constituem o enredo.

Os trechos acima trazem evidências de que após o incêndio, a vida do personagem começou a mudar. A vida antiga ficou para trás, em contraste a isto, o fogo consumiu todas as suas antigas lembranças, para que novas coisas ressurgissem.

Dessa forma, nota-se que o Sr. Rochester traz consigo três características fundamentais: ele vivifica Jane, como representação do masculino em sua vida, é a representação da destruição e também da regeneração por meio da redenção, características que estão diretamente relacionadas com a forma como ele afeta a protagonista.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Charlotte Brontë compõe seu enredo com a utilização de muitos símbolos. Nesta análise, observamos como, num contexto cultural e social, a presença do fogo e o seu significado como símbolo contribuem para o enriquecimento da leitura e como os mínimos detalhes podem ser observados e analisados ao ler-se uma narrativa, trazendo um melhor entendimento com relação ao contexto geral do romance.

Analisar os diferentes significados de um símbolo pode enriquecer a leitura e aprimorar a visão crítica do leitor durante a releitura. Desta forma, estudar os símbolos que aparecem neste romance e seus variados significados pode conduzir o leitor a percepções sutis características da época, do desenvolver do enredo, do *setting*, entre outras propriedades relevantes.

Pode-se dizer que existem dois tipos de leitor: o que lê o enredo até o fim para saber a história, e o que desvenda a trama observando os mínimos detalhes. Este

trabalho objetiva abrir novos horizontes e novas formas de interpretar a leitura deste romance, trazendo à tona o embasamento necessário para que o leitor consiga observar agora, por si só, novas formas de se interpretar cada cena.

## REFERÊNCIAS

ABRAMS, M. H. (Ed). **The Norton Anthology of English Literature**. Vol. 2. New York/London: W. W. Norton & Company, 2005.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. 5. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da Literatura Inglesa**. São Paulo: Ática S.A., 1985.

CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain . **Dicionário dos Símbolos**. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ltda., 2009.

FIDALGO, António; GRADIM, Anabela. **Manual de semiótica**. Portugal: UBI, 2005.

HOFMANN, Helmut. **Como Trabalhar Intuitivamente com os Símbolos**. 1. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix Ltda, 2003.

POUND, Ezra. **Abc da Literatura**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003. 3. ed.

SANDERS, Andrew. **The short oxford history of English literature**. Oxford University Press, 1994.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e Literatura**. ed. Atelie, 2004.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: Introdução à topoanálise/** Oziris Borges Filho – França, São Paulo, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.